



Fotografia: como funciona?

Marco Aurélio Brandt*

Durante cinco anos venho desenvolvendo um projeto de fotografia em escolas da rede pública e comunidades carentes, utilizando uma tecnologia simples, barata e de fácil apreensão. O processo, conhecido internacionalmente como *pinhole*, consiste na utilização do princípio da câmara escura para a produção de artefatos fotográficos rudimentares, construída a partir de tubos de papelão e latas comuns. Esse projeto se baseia em dois pontos-chave: levar a fotografia a um público infante-juvenil que normalmente não tem recursos para praticá-la e, a partir daí, iniciar um processo de reeducação do olhar.

Arte-educação, câmara escura, subjetividade

Introdução

(...) a imagem fotográfica não é um espelho neutro, mas um instrumento de transposição, de análise, de interpretação e até de transformação do real, como a língua, por exemplo, e assim, também, culturalmente codificada [Philippe Dubois]¹

Enquanto os meios de comunicação de massa voltam-se cada vez mais para as populações carentes de favelas e comunidades, o que se percebe, de imediato, ao analisarmos os signos que são transmitidos/manipulados tanto pela indústria cultural quanto pela mídia em geral, é uma visão parcial, uma leitura oriunda de alguns poucos segmentos da sociedade.²

Sob diversas formas esta visão acaba refletindo uma manipulação de estereótipos, distorcendo personagens, situações e o que é apresentado como realidade, nem sempre de fato pertinente àquele grupo focado.

Trabalhando há quatro anos com crianças e jovens carentes em um projeto de reeducação do olhar por meio de oficinas com a utilização de fotografia artesanal (a partir de sucata e material reciclável), pude fazer algumas constatações que fornecem subsídios para uma reflexão, enfocando o uso da produção artística como possibilidades da representação da subjetividade, construção da própria história, registros da memória coletiva.

Um dos conceitos fundamentais do trabalho consiste na idéia de que a subjetividade seja expressa a partir do próprio grupo social, através dos meios de produção da imagem técnica, evitando-se a representação do olhar externo de modelos de cultura e saberes institucionalizados.

* Marco Aurélio Brandt é formado em Cinema e Jornalismo pela UFF. É cineasta, fotógrafo e professor na Unipli. Trabalha há quatro anos com oficinas de fotografia em comunidades e escolas públicas e mais recentemente com vídeo, através da ONG Campus Avançado, em que coordena o Cineclubes Cineolho. Realiza experiências com fotografia *pinhole*, colorizada após o registro em papel ou negativo 120.

¹ Dubois, 1990, p. 26.

² Quatro grupos controlam os meios de comunicação segundo Coimbra, 2001.

Fotografia por dentro

Agosto de 2000. Decidido a elaborar um curso de fotografia para crianças deparei na pesquisa bibliográfica com um livro de Cláudio Kubrusli. Era um pequeno mas significativo livro de bolso que versava sobre os princípios básicos, algo como um primeiro contato, uma introdução ao mundo da fotografia; seu título: *O que é fotografia* nele o autor cita a frase que ouviu de uma criança tentando responder justamente a essa pergunta, que seria o tema de seu livro.

“Fotografia?... É quando a televisão pára de mexer, fica tudo paradinho, e a gente pode olhar as coisas devagar.”

A frase provocou um estalo em minha cabeça e surtiu um efeito quase mágico, que me fez consolidar idéias que até então flanavam em minha mente sem ter ainda tomado forma, virado um método de trabalho, um plano de curso elaborado. A menção feita pela criança à televisão caiu como uma luva, pois andava na época preocupado e indignado com a televisão, que acaba sendo um dos entretenimentos preferidos da criançada.

Omundo que vivemos hoje coloca para nossas crianças um verdadeiro carnaval de imagens que são emitidas em velocidade crescente, sem que haja tempo para reflexão ou análise crítica. A mídia exerce presença sufocante, impondo um universo inflacionado de propagandas apelativas, banalização da violência, teledramaturgias de gosto duvidoso. E essa poluição visual não é exclusividade da tevê, ela se estende por todo um universo imagético que a vida urbana tem a 'oferecer' hoje em dia: *outdoors*, capas de revista, anúncios gigantescos afixados em prédios, internet.

Minha proposta de curso então surgia como uma iniciativa no sentido de tentar promover uma educação do olhar ou, ainda, uma reeducação do olhar, desde cedo aviltado por tantos signos no mínimo discutíveis e, sabe-se, adequados a essa injusta e destrutiva globalização.

O exercício da fotografia deve compreender o saber 'ver', ler as imagens com senso crítico e a partir daí provocar também uma escrita. Dessa forma a 'escrita da luz' torna-se uma arma poderosa nessa batalha. E meu caminho passou a enveredar por uma questão, que de certa forma dava seqüência ao trabalho citado de Cláudio Kubrusli. Minha pergunta agora seria: **fotografia: como funciona?**

E para responder a essa pergunta precisaria levar a criança numa viagem, prazerosa e lúdica, ao mundo da fotografia pelo seu lado 'de dentro', penetrar o mistério da câmara escura, descobrir a mágica da imagem projetada em seu interior, que um dia alguém teve a brilhante idéia de capturar e, registrar, congelando-a no tempo, eternizando-a.



Assim fizeram Niepce e Daguerre, em meados do século XIX. E agora, com a utilização do processo da fotografia em lata ou caixinha, poderíamos, eu e minhas crianças aprendizes, recriar esse momento, repetindo o gesto mágico dos pioneiros da fotografia ao capturar a imagem e registrá-la em papel.

Esse processo artesanal de fotografia, conhecido internacionalmente como *pinhole* (*pin* = alfinete ou agulha; *hole* = buraco) consiste fundamentalmente na produção de artefato que gere imagens fotográficas sem uso de lentes, ou seja, uma 'câmera de orifício', mais ou menos como eram os primeiros modelos de câmera fotográfica, cuja lente era na verdade um pedaço de vidro, colocado numa pequena abertura circular em um caixote de madeira.

Nas oficinas em que logo se transformaram os princípios teóricos e práticos que formavam o curso que projetei inicialmente, tenho utilizado um modelo feito com latas de leite ou Nescau, enfim, produtos em pó solúvel comuns encontrados no mercado alimentício. Dei ao projeto das latinhas o nome de "1.000 idéias na cabeça e uma lata na mão" e parti para a ação começando pelo Ciep Geraldo Reis, em São Domingos, Niterói.

A estruturação do curso a ser apresentado, foi inicialmente concebida em quatro módulos:

Módulo 1 – Consultar um dicionário e ler em grupo o verbete “fotografia”; repassar a noção de escrita da luz; breve histórico do surgimento; transição do retrato na pintura para a fotografia como ‘máquina de tirar retrato’ – uso de projeção de *slides* ou retroprojektor; descrição da fotografia, com ilustrações e/ou desenhos em quadro-negro com esquema da câmera escura, interior da câmera fotográfica; demonstração do efeito da câmera escura com visor *pinhole* ou com a própria sala de aula.

Módulo 2 – Trazer fotos de casa: da família ou de revistas, que serão examinadas e comentadas em grupo; explicação de fenômenos científicos ligados ao tema, como velocidade da luz, refração, formação do espectro colorido da luz, de forma envolvente com projeções; construção de visor *pinhole*; bate-papo para que cada um conte as experiências com fotos, coisas engraçadas e marcantes; finalizando, construção de uma câmara escura a partir de caixa de papelão, semelhante a um lambe-lambe, que permite visualizar a projeção da imagem invertida.

Módulo 3 – Apresentação da *pinhole*; lista de materiais necessários para seu fabrico e rápida explicação da revelação do papel utilizando luz convencional incandescente (ou ampliador) em sala escura; mostra de fotos produzidas com *pinhole*; confecção coletiva das caixas ou latas.

Módulo 4 – Prática fotográfica com as latas preparadas em sala; locação agradável nos arredores da escola ou comunidade – brincadeiras, fantasias – o tema é livre; revelação do material na escola com a participação dos alunos; com as fotos prontas, preparação da exposição.

A primeira turma

No Qep peguei uma turma de crianças entre oito e 12 anos – havia um bom número de pequeninhos. Logo descobri que, numa turma assim, meu trabalho seria quase como um número de mágico ou coisa parecida, ou seja, eu tinha que entreter a criançada, sem me perder muito em explicações teóricas. Comecei a praticar a manufatura dos objetos ópticos.

O primeiro contato de uma criança com os visores *pinhole* é um verdadeiro êxtase. Seu efeito varia de ‘olho para olho’, às vezes a imagem vem rápido, às vezes demora mais um pouco para aparecer. De qualquer maneira, as crianças ficam loucas, excitadíssimas, querendo saber como aquilo acontece, como fazer aquele objeto.



Descobri que os visores podiam ser confeccionados com tubos de papelão do tipo usados em papel higiênico ou papel-toalha de cozinha. Juntei vários tubos, e na escola me conseguiram outros tantos. Fizemos então uma lunetinha de tubo de papel higiênico para cada aluno. Uma das características da minha oficina é a de proporcionar um contato com o mundo da fotografia a um público que normalmente vive distante desse universo, como no caso do Qep, onde estudam crianças das classes mais pobres, muitas delas morando em favelas da região. Nesse contexto torna-se plenamente adequada e significativa a utilização de tubos e caixas de papelão, latas e outros materiais recicláveis de baixo custo e fácil aquisição.

Em outra aula, fabricamos um lambe-lambe com uma caixa de papel de xerox que também fez sucesso com a criançada. Tinta preta, papel vegetal, um pano preto para cobrir a cabeça, e pronto. E ainda veio uma menina trazer-me um desenho que acabara de fazer, em que mostrava que 'estava faltando uma coisa no lambe-lambe'. Era o tripé, que ficara guardado na sua lembrança, talvez pela passagem por uma praça do centro da cidade, onde até pouco tempo ainda havia a saudosa figura do 'fotógrafo lambe-lambe'.

No último encontro, nas festividades de encerramento do ano letivo, fomos à pracinha perto da escola fotografar com as latas que já tinham sido preparadas em outra aula. Algumas crianças chegaram a fazer a foto sozinhas, sem que eu estivesse perto. A praça estava agitada, numa alegre confusão. Ao final, voltamos ao Qep para a revelação, um momento sempre caótico (várias crianças num quartinho escuro com uma luzinha vermelha), mas muito estimulante. O vislumbre da imagem surgindo na banheira com revelador é a apoteose, o ponto culminante da magia fotográfica.

Imagino que seja um momento que ficará registrado para sempre na memória da maioria daquelas crianças e que pode, quem sabe, provocar a germinação de novos fotógrafos. A semente, sem dúvida, fica plantada.

Possíveis conclusões

A imagem não é somente uma ordenação do mundo. Ela traz consigo uma tipificação ideológica que se desvela através de um prisma por onde a etnologia deve investigar.

A fotografia como método pode, usando palavras de Lévi-Strauss, nos ensinar acerca dos processos conscientes e inconscientes, traduzidos em experiências concretas, individuais e coletivas pelas quais homens que não possuíam uma instituição chegaram a adquiri-la, quer por invenção, quer por transformação de instituições, quer por tê-la recebido de fora.

Nesse sentido os grupos sociais desprovidos do capital cultural hegemônico produzem seus próprios meios e “moedas” transformando, inventando ou recebendo, ainda que excluídos economicamente.

O trabalho apresenta uma tentativa de intervenção nesse processo, propondo uma experiência de inserção desses grupos como agentes produtores de signos, em que estarão expondo sua concepção, sua leitura, registrando sua subjetividade pela imagem técnica e, por conseguinte, produzindo cultura e exercendo o papel de agentes da história.

Trabalhar o recurso da imagem por meio do ato fotográfico pode revelar tão-somente o presente. Mas a que história deveremos recorrer para descobrir por que tal enquadramento ou tema parece ser tão sistemático e recorrente em pessoas diferentes de um mesmo grupo social?

Esse resultado pode revelar mais uma disfunção do que uma forma regular de como esse grupo social funciona – que passa por sua maneira de ver a si mesmo a ao outro através da fotografia. Um olhar construído historicamente.

A partir desse ponto (do ponto histórico) é que aquele comportamento comum passa a nos levar a questões essenciais. Uma foto mostra seu lugar e seus habitantes a partir de um ponto de vista e, assim, pode servir para que o indivíduo se veja e ao outro, para demarcar instrumentos e a presença do poder vigente do Estado, por exemplo.

A principal relevância de um trabalho como este é apresentar um outro ponto de vista, o ponto de vista do lado de dentro. A imagem técnica de um modo geral, como imaginário coletivo, pode ser utilizada como instrumento levando em conta a possibilidade de se constituir uma unidade real do objeto. A importância do ato fotográfico está no fato de que resultará em alguma expressão coletivamente reconhecida.

Aliando o sentido da descoberta, o potencial para construir e um meio de registrar o próprio olhar, espero estar contribuindo num sentido mais amplo para a formação de um olhar crítico, criar novas formas de ver o mundo, a partir do simples gesto de registrar seu cotidiano, seu ambiente, seu grupo. E quem sabe a partir daí, poder no futuro interferir em sua realidade e de seu meio, com esse novo olhar, esse novo enquadramento.